



INCLUSÃO NA ESCOLA

Em julho, a Lei Brasileira de Inclusão, que obriga colégios a aceitar alunos com deficiência, completou dois anos. A Constituição Brasileira determina que todas as escolas, públicas ou privadas, devem aceitar pessoas com deficiência e dar todo o apoio para elas aprenderem. Pela lei, pessoa com deficiência é a que “tem impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial”, em outras palavras, são pessoas cegas, surdas, que usam cadeira de rodas e têm autismo, por exemplo. Para a psicóloga e fundadora do Instituto Inclusão Brasil, Marina Almeida, educação

para todos significa que “todos os alunos devem estar em um mesmo ambiente, o mais diverso possível, sem excluir ninguém por origem, raça, gênero ou deficiência”. No entanto, ela diz que o problema é que muitas escolas ainda não têm nem rampas de acesso nem psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas, muito menos equipamentos como sintetizadores de voz para cegos ou mobiliário escolar diferenciado para receber essas pessoas, o que deixa muito pais indignados e milhares de crianças e adolescentes sem escolas.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas 57% das escolas brasileiras têm alunos com deficiência matriculados. Dos 41 milhões de

alunos nas escolas do Brasil, há cerca de 930 mil estudantes especiais, sendo que 81% estavam em escolas e salas comuns e 19% em colégios exclusivos para pessoas com deficiência. “É preciso pensar em mais formas de apoiar os alunos, respeitando suas necessidades”, diz Marina.

No Colégio Rio Branco Granja Vianna (SP), por exemplo, os estudantes surdos têm aula com alunos sem deficiência e ajuda de intérpretes, que traduzem o que o professor fala para a Língua Brasileira de Sinais. “Sem eles, não entenderíamos nada”, gestícula João Vitor S., de 12 anos.

Com isso, todos aprendem as mesmas matérias. Luana L., de 14 anos, diz que se dedica muito para ir bem na escola: “Eu me esforço para ir todos

os dias para a aula, tirar dúvidas, fazer os exercícios, leituras...”

O intérprete Juliana Prates, do 6º ano, explica que, antes de ir para o ensino fundamental II, os alunos com deficiência auditiva estudam em um Centro de Educação Para Surdos, onde os professores usam a linguagem de sinais. Quando chegam ao 6º ano, vão para turmas regulares. “A primeira língua deles é a Língua Brasileira de Sinais; português é a segunda”, diz. “É muito importante que eles entendam bastante a primeira língua deles. Assim, conseguem acompanhar as aulas.”

Outro colégio conhecido pelo trabalho com alunos com deficiência é a Escola Coronel Pilar (RS). Desde 1993, mais de cem estudantes com deficiências físicas e mentais já passaram por lá. Bernadete Viero, professora e educadora especial, explica que primeiro eles estudam com turmas de



pessoas com deficiência e, depois, passam para turmas regulares. Ela diz que todos se dão bem: “Muitos alunos regulares ‘adotam’ estudantes com deficiência e os ajudam, sem ninguém pedir”, afirma.

Bernadete ainda conta que alguns passam no vestibular e fazem faculdade. “Temos alunos que fizeram pedagogia, ciência da computação, entre outros. Quando a escola e a família acreditam no potencial deles, muitos conseguem superar as dificuldades e chegar à faculdade”, diz.



1. Inclusão na Escola Julica Bierrenbach
2. Colégio Coronel Pilar tem aulas para todos
3. Alunas do Rio Branco usam Libras para conversar

Fotos: Prefeitura de Sorocaba / EECPI Colégio Rio Branco Granja Vianna

COMPORTAMENTO



Por Ana Carolina Dorigon

Depois dessa parada para descansar e recarregar as energias, chega o momento de retomar as atividades e os projetos que iniciamos no primeiro semestre.

É hora de decidir se continuamos a trabalhar da mesma maneira escolhida no início do ano ou se vale a pena experimentar novos caminhos. Pense agora nessas duas possibilidades. Como você realizará esse retorno?

HORA IDEAL PARA ESCOLHER NOVOS CAMINHOS!

Muito mais do que retomar, queremos trazer a ideia de se considerar novas alternativas para completar com sucesso as metas e os planos propostos, tendo como ponto de partida as experiências adquiridas até aqui. Para isso, que tal começar pelo autoconhecimento? Respire calmamente, percebendo sua inspiração (quando deixa o ar entrar) e sua expiração (quando deixa o ar sair). Repita o exercício mais cinco vezes para entrar em conexão consigo mesmo. Pense no que você está sentindo neste momento e qual(is) emoção(ões) ou sentimento(s) está reconhecendo. Isso permite que você use o auto-

controle para refletir e agir de forma mais consciente.

Em seguida, em uma folha de papel, escreva em um dos lados o número 1 e descreva o que você já realizou no primeiro semestre e o que fez para conseguir isso. Do outro lado, escreva o número 2 e registre os planos que você pretende colocar em prática até o fim do ano. Anote ao lado de cada plano os caminhos e as ações que precisa tomar para alcançá-lo. As anotações do lado 1 servirão de referência para trazer boas ideias, além de permitir que você entenda e compreenda suas escolhas e decisões para cada caminho traçado.

Esse exercício, simples e

prático, certamente ajudará você a planejar o segundo semestre com mais qualidade e chances de conseguir o que deseja. Escreva para nós contando como foi sua experiência nessa retomada de atividades e como foi o seu planejamento. Vamos (re) começar?

Compartilhe com a gente pelo e-mail carlotas@carlotas.com.br.

Autoconhecimento é o exercício de conhecer a si mesmo e reconhecer como você funciona, o que sente e como expressa suas emoções e sentimentos. Para isso, precisamos também compreender como interagimos com as outras pessoas.

